

## **GRUPO PSICOTERAPÊUTICO COM IDOSAS MORADORAS DE UMA INSITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS: UM RELATO DE PEXPERIÊNCIA**

Elienai Santana Borges; Isabela Cristina Silva Santos

*Obras Sociais Irmã Dulce. [elienaiborges@yahoo.com.br](mailto:elienaiborges@yahoo.com.br)*

### Introdução

Nos últimos anos o papel social da mulher sofreu mudanças significativas. Entretanto, no ideário popular conservador, a mulher é vista a partir de uma perspectiva maternal, responsável pelos cuidados com a família e com o lar. Dessa forma, para aquelas mulheres que não conseguiram (ou não quiseram) se enquadrar neste modelo instituído no nosso cenário sociocultural, muitas vezes, resta o estigma de fracasso. A partir da breve experiência em contato com as idosas que possuem tais características, notamos que elas apresentam em seu discurso um “bem-estar”, que traz em seu bojo, uma “nota” de solidão e desamparo. Com a chegada da velhice, a inexistência da família nuclear torna-se um dado acentuado pelas necessidades que insurgem neste período da vida. Atrelado a isso, tem-se também, as marcas e dificuldades que circundam o sujeito idoso. Tais questões tornam-se mais evidentes, quando esse sujeito é uma mulher, inserida em um contexto por vezes adverso, como o espaço de modelo asilar. No início do período de atuação na Instituição de Longa Permanência, foi realizada uma triagem com o objetivo de identificar quais eram as principais demandas psicológicas dos idosos residentes no local. A idealização do grupo ocorreu a partir da identificação de uma demanda em idosas com esse perfil. Percebeu-se que tais idosas demonstravam uma dificuldade em falar sobre o assunto, como se fosse algo vergonhoso, entretanto, é preciso deixar claro, que apesar disto, as pacientes não apresentaram movimento de esquiva ou recusa. As mesmas foram sempre receptivas e colaborativas, nos atendimentos psicológicos. Notou-se também, que essas mulheres, muitas vezes, negligenciam o seu autocuidado, apresentam baixa adesão a tratamentos e/ou abandonam, em função de diversas questões, dentre elas, a falta de informação ou entendimento das mesmas. Assim, vemos a importância de trabalhar tais fatores, visando à promoção de cuidados, através do empoderamento das mesmas, vislumbrando a ressignificação de papéis e possibilidades. Assim, este estudo visou relatar a experiência de um grupo terapêutico com idosas institucionalizadas. Consideramos a sua relevância, em virtude da escassez de pesquisas relacionadas ao tema, em dissonância com o crescimento da população idosa, principalmente, de mulheres idosas.

## Metodologia

Trata-se de um relato de experiência descritivo acerca de um grupo psicoterapêutico realizado durante o estágio da Residente de Psicologia do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde do Idoso, em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) de um Centro Geriátrico de referência, situado no Município de Salvador-BA. As atividades grupais foram realizadas em encontros semanais, durante o período entre setembro e novembro de 2016. O grupo foi formado por (08) oito idosas, moradoras da referida Instituição. As idosas preenchem os seguintes requisitos: solteiras, que não possuem filhos. O grupo foi realizado na modalidade fechado, com número de encontros pré-definidos, (totalizando cinco reuniões) e conduzidos através da abordagem psicanalítica do sujeito, constituído a partir da clínica do envelhecimento. Segundo Brasil, Barcelos, Arrais e Cárdenas (2013, p.122) “o trabalho psicoterápico de base psicanalítica, apoiado nas especificidades desta clínica, busca legitimar a demanda do idoso sem, contudo, se furtar em levar em conta as particularidades desses pacientes”<sup>1</sup>. Os encontro tiveram a duração mínima de (02) duas horas e máxima de (03) três horas.

## Resultados e Discussão

O grupo psicoterapêutico teve a finalidade de produzir discussões visando provocar reflexões a respeito da temática proposta, bem como, promover cuidados, através da escuta terapêutica. Os encontros versaram sobre: identidade; papéis sociais; envelhecimento; religiosidade/espiritualidade; sexualidade. Para a introdução de cada tema, foram utilizadas dinâmicas, animações e músicas, considerando o perfil grupal. Também, criamos uma personagem virtual, que possuía as mesmas características das participantes, com o objetivo de levar às idosas algo que elas encontrassem semelhanças, a partir dos aspectos comuns das suas histórias de vida, os quais, foram trazidos pela animação. A existência do ser humano está pautada nas interações grupais. Quando nascemos, passamos a fazer parte do grupo familiar, posteriormente grupo escolar, de amigos, dentre outros. Os grupos vão se diversificando ao longo da vida. Assim, o grupo corresponde a uma reunião de pessoas em prol de uma tarefa e/ou de um objetivo comum, variando em especificidades e interesses, os quais podem ser os mais diversos. Dentre eles, destacaremos o grupo terapêutico, objeto de nossas investigações e intervenções<sup>2</sup>. O grupo terapêutico tem a finalidade de produzir e fomentar trocas de diálogos, estimular o compartilhamento de experiências, bem como, construir

melhorias e adaptações no cotidiano dos indivíduos, de forma individual e coletiva, e, por conseguinte, promover qualidade de vida<sup>3</sup>. A participação em um grupo terapêutico, sobretudo, visa permitir ao sujeito a construção de um sentimento de inclusão, tendo em vista, que, os membros possuem em comum, a experiência da vivência no espaço asilar, além de alguns aspectos da história de vida<sup>4</sup>. No primeiro encontro foi trabalhado o tema identidade, nele foram realizadas atividades, tomando por base, o resgate da identidade das idosas. Inicialmente, buscamos a construção e estabelecimento do vínculo, através de uma dinâmica de apresentação, onde cada idosa falou a respeito da história do seu nome (origem, quem o escolheu, etc.) e como gosta de ser chamada. No segundo momento, elas escolheram o nome do grupo, e decidiram por “Grupo do Amor”, como justificativa para a escolha, relataram que o amor é a base de todas as coisas. A partir de então, pudemos promover discussões que culminaram no surgimento da identidade grupal. O nome traz consigo o significado, a essência de cada sujeito. Dessa forma, objetivamos que cada moradora rememorasse aspectos da sua identidade, aquilo que lhe constitui como sujeito da sua existência. Através da experiência da escolha do nome do grupo, buscamos desenvolver o sentido de grupalidade, de pertença, que deve existir em um grupo, uma vez que, uma composição grupal não se trata de um aglomerado de pessoas, mas, da reunião de pessoas que possuem um objetivo comum. Por último, cada participante trouxe um pouco da sua história de vida, através do modelo proposto pela personagem criada para interagir com as idosas. Trabalhamos a identidade grupal, fundamental para a coesão e o bom andamento das atividades a serem realizadas no grupo, promovendo o encontro das semelhanças, dos aspectos sociais comuns entre elas (idosas solteiras, que não tiveram filhos), através da apresentação de aspectos da história de vida de cada idosa. No segundo encontro trabalhamos os papéis sociais, desempenhados por cada uma das idosas participantes ao longo da vida, demonstrando, a importância de cada um. Assim, a primeira atividade, consistiu na demonstração de modelos familiares e papéis sociais que desempenhamos no espaço familiar, através da personagem, e posterior escuta das idosas participantes, a respeito de suas representações. Nesse encontro, todas ficaram livres para demonstrar os papéis já representados e produzir reflexões a respeito. Os papéis sociais estão referendados nas concepções vigentes de cada sociedade. Entretanto, sabemos que ao longo dos anos, diversas mudanças ocorreram nas divisões de papéis na família, que é o primeiro grupo social do qual fazemos parte ao nascer, dessa forma, é nela que se assinala o formato inicial, que se estenderá para os outros grupos sociais. No terceiro encontro, foi abordado o tema envelhecimento, para tanto, utilizamos uma dinâmica de relaxamento destacando a trajetória da vida como uma viagem, em detrimento da costumeira visão pautada nas perdas advindas do processo do envelhecimento. A partir desta

atividade, as idosas foram convidadas a falar sobre a experiência do envelhecer. Assim, as mesmas trouxeram os seus relatos em uma perspectiva positiva, destacando memórias afetivas. No quarto encontro falamos de religiosidade/espiritualidade, as participantes foram convidadas a falar acerca das suas crenças, e todas relataram a sua relação com esta dimensão do ser humano. Desse modo, (07) sete participantes trouxeram a espiritualidade e a religião como algo estruturante, para apenas uma, esse não é um aspecto de grande relevância para a sua vida. No quinto encontro foi realizada uma discussão sobre a sexualidade, a partir de um trecho de um filme que evidencia o companheirismo e os afetos como aspectos da sexualidade, além de empoderar as mulheres idosas trazendo para o campo das possibilidades o exercício do romantismo e da relação sexual na velhice. As idosas também trouxeram relatos de experiências vividas e se permitiram falar de seus anseios, no espaço ofertado. Neste encontro, como se tratava do último, também foi realizado um momento de devolutivas, no qual as participantes puderam avaliar a atividade proposta. As idosas mostraram-se satisfeitas, relataram acerca da importância de um espaço para falar de si, demonstrando esperança, amplitude dos desejos e expectativas de obter dias melhores.

## Conclusões

Na fase da velhice, muitos vetores incidem sobre o sujeito em diversas situações. Considerando isso, podemos entender que o idoso que é atravessado pela institucionalização, sofre em maior grau o processo da despersonalização. No que se refere às mulheres idosas, solteiras e sem filhos, existem muitos estigmas que as conformam em uma posição de confinamento pessoal, frente às normatizações. Dessa forma, vimos a sumária importância de ofertar espaço e voz para tais idosas, fazendo emergir a consciência de si, para que as mesmas exercitem o papel de sujeito de escolhas, ações e decisões, que as conduziram ao longo de suas vidas, e que deve ser mantido também no âmbito do envelhecimento.

## Referências Bibliográficas

- 1 Brasil, Katia Tarouquella Rodrigues, Barcelos, Maria Angélica Rodrigues de, Arrais, Alessandra da Rocha, & Cárdenas, Carmen Jansen de. (2013). A clínica do envelhecimento: desafios e reflexões para prática psicológica com idosos. *Aletheia*, (40), 120-133. Recuperado em 24 de agosto de 2016, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942013000100011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000100011&lng=pt&tlng=pt)

2 Zimerman, D. & Osorio, L. C. [et. Al] (1997). *Como trabalhamos com grupos*. (pp. 34-47). Porto Alegre: Artes Médicas;

3 Benevides Daisyanne Soares, Pinto Antonio Germane Alves, Cavalcante Cinthia Mendonça, Jorge Maria Salete Bessa. Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2010 Mar [cited 2017 Sep 09] ; 14( 32 ): 127-138. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832010000100011&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000100011&lng=en). <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-3232010000100011>.

4 Schrank Guisela, Olschowsky Agnes. O centro de Atenção Psicossocial e as estratégias para inserção da família. *Rev. esc. enferm. USP* [Internet]. 2008 Mar [cited 2017 Sep 09] ; 42( 1 ): 127-134. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342008000100017&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000100017&lng=en). <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342008000100017>.